

Editorial



Apresentamos na 19ª edição da *grudisletter* o *feedback*, bastante positivo, da XVIII Conferência *grudis* e *Doctoral Colloquium* que decorreu nos dias 1 e 2 de fevereiro de 2019 na Escola Superior de Gestão e Tecnologia do Instituto Politécnico de Santarém, sob a coordenação local do Rui Robalo e que teve como *keynote speaker* o Professor Teemu Malmi da Universidade de Aalto (Finlândia).

Para além das publicações de membros do *grudis* e da remissão para o ARC (*Accounting Research Centre*) da EAA (*European Accounting Association*), destacamos ainda nesta edição da *grudisletter* o espaço de opinião sobre investigação que conta com dois artigos de opinião. No primeiro artigo, António Dias, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, debruça-se sobre a problemática da *Corporate Social Accounting*. Já no segundo artigo, da autoria de Rúben Peixinho, da Universidade do Algarve, é discutida a questão da forma como os mercados financeiros assimilam a informação contabilística.

Concluimos esta edição da *grudisletter* com a habitual, e sempre interessante, crónica do José António Moreira, desta vez sobre a importância do contacto com os alunos como fonte de inspiração, neste caso na elaboração do seu manual de Contabilidade Financeira.

Patrícia Quesado e Carla Carvalho

Índice

Editorial	1
XVIII Conferência <i>grudis</i> e <i>Doctoral Colloquium- feedback</i>	2
Publicações de membros do <i>grudis</i>	3
Espaço de opinião sobre investigação	5
Corporate Social Accounting – an evolving concept	5
A informação contabilística e os mercados financeiros	9
Notas sobre Contabilidade	11

Editores da *grudisletter*

Patrícia Quesado
Carla Carvalho

Equipa de Coordenação do *grudis*

Aldónio Ferreira
Carla Carvalho
João Oliveira
Patrícia Quesado
Paulo Alves
Sofia Lourenço
Teresa Eugénio

E-mail: coordenacao.grudis@gmail.com

Website: www.grudis.pt

A Equipa de Coordenação do *grudis* esclarece que a informação acerca das publicações dos *grudistas* resulta das respostas recebidas dos mesmos.

XVIII Conferência *grudis* e *Doctoral Colloquium - feedback*

Instituto Politécnico de Santarém | 1 e 2 de fevereiro de 2019



A última Conferência *grudis* e *Doctoral Colloquium* decorreu na Escola Superior de Gestão e Tecnologia do Instituto Politécnico de Santarém, nos dias 1 e 2 de fevereiro de 2019. Durante estes dois intensos dias assistimos a grandes dinâmicas de investigação em contabilidade, tendo sido apresentados 12 projetos de doutoramento e 10 artigos, nas mais variadas áreas da contabilidade. Além do *feedback* dos *discussants*, os autores também receberam comentários e sugestões dos restantes participantes nas sessões, sempre num espírito de melhoria contínua dos seus trabalhos.

Tivemos, ainda, o privilégio de contar com o Professor Teemu Malmi como *keynote speaker* em sessões do *doctoral colloquium* e da conferência. As suas sessões proporcionaram informações sobre os recursos que são disponibilizados pela *European Accounting Association* para apoiar os alunos de doutoramento e possibilitaram reflexões sobre os processos de investigação e de publicação, nomeadamente a necessidade de se formularem boas questões de investigação e a necessidade de se alcançarem contribuições teóricas relevantes a partir de projetos de investigação de cariz prático.

Ocorreu, ainda, nesta conferência a entrega do prémio aos autores do melhor artigo da anterior conferência

grudis, com publicação aceite na Revista Contabilidade e Gestão. Este prémio foi entregue pelo representante da Ordem dos Contabilistas Certificados, Dr. Nelson Ferreira, aos dois colegas premiados, Pedro Moutinho Silva e João Pedro Oliveira, da Faculdade de Economia da Universidade do Porto.

O *feedback* que recebemos dos participantes foi de muita satisfação com a qualidade da investigação em contabilidade, com os comentários e sugestões recebidos, com o ambiente amigável vivido durante estes dois intensos dias, bem como com a organização do evento.

Queremos, por isso, agradecer a todos os que contribuíram para o sucesso deste evento. À Equipa de Coordenação do *grudis* por ter confiado em nós como organização local. Aos autores por terem submetido artigos e projetos de alta qualidade. Aos revisores por terem validado a qualidade destes trabalhos. Aos *discussants* por terem contribuído para aumentar, ainda mais, a qualidade destes trabalhos. Aos *chairs* pela condução eficiente das sessões. A todos os participantes por terem colaborado ativamente na dinamização das várias sessões. À *European Accounting Association* pelo patrocínio associado à deslocação do Professor Teemu Malmi. À Ordem dos Contabilistas Certificados pelo patrocínio do prémio para o melhor artigo da Conferência *grudis* submetido à Revista Contabilidade e Gestão. Queremos, finalmente, agradecer à Direção da (nossa) Escola Superior de Gestão e Tecnologia por nos ter apoiado ao longo de todo o processo de organização da XVIII Conferência *grudis* e *Doctoral Colloquium*. A todos o nosso “Muito Obrigado”.

Rui Robalo, Filipa Nogueira e João Teodósio

Publicações de membros do *grudis*

De outubro de 2018 a março de 2019

Revistas com *referee*

Dias, A., Rodrigues, L., Craig, R., Neves, M. (2019), 'Corporate social responsibility disclosure in small and medium-sized entities and large companies', *Social Responsibility Journal*, 15(2), 137-154.

Jorge, S., Jesus, M.A., Laureano, R. (2018), 'Budgetary balances adjustments from Governmental Accounting to National Accounts in EU countries: can deficits be prone to management?', *Public Budgeting and Finance*, 38(4), 97-116.

Lisboa, I. (2019), 'Do firms in revitalization engage in earnings management: The Portuguese case', *Portuguese Journal of Finance, Management and Accounting*, 5(9), 69-88.

Lisboa, I. (2018), 'Corporate governance issues in family and non-family firms: Evidence from Portugal', *Egitania Scientia*, 23, 103-121.

Lisboa, I., Miguel, J. (2018), 'How to manage credit risk', *European Journal of Applied Business Management*, Special Issue, 240-253.

Lopes, A.I., Lopes, M. (2019), 'Effects of adopting IFRS 10 and IFRS 11 on consolidated financial statements: An exploratory research', *Meditari Accountancy Research*, 27(1), 91-124.

Maldonado, I., Pinho, C., Rodríguez de Prado, F., Lobo, C. (2018), 'Interest rate dynamic models – evidence from Iberian markets', *Revista ESPACIOS*, 39(14).

Martins, A., Dinis, A., Lopes, C. (2018), 'Interpretative complexity and tax law changes: the taxation of corporate expenses in Portugal', *Journal of Applied Accounting Research*, 19(4), 537-551.

Quesado, P.R., Silva, M.L., Rua, S.C. (2018), 'A contabilidade financeira e a gestão de custos na atividade agrícola', *Revista Custos e @gronegócios Online*, 14(4), 214-258.

Quesado, P.R., Costa, C.S. (2018), 'Os Indicadores Chave de Desempenho numa Empresa Pública de Transportes Urbanos', *European Journal of Applied Business and Management (EJABM)*, Special Issue, 59-76.

Saraiva, H.I.B., Carqueja, H.O. (2018), 'Ensaio sobre o papel da organização das nações unidas no processo de harmonização contabilística - iniciativas durante o período 1953-2009', *De Computis - Spanish Journal of Accounting History*, 15(2), 108-132.

Silva, M.L., Pereira, L.I. (2018), 'Os normativos contabilístico e fiscal nos subsídios a ativos não correntes', *European Journal of Applied Business Management*, 4(3), 142-156.

Vieira, E.S., Henriques, A., Neves, E. (2018), 'Fatores determinantes do desempenho das empresas Portuguesas cotadas', *Revista Estudos do ISCA*, IV(17), 1-19.

Vieira, E.S., Figueiredo, N. (2018), 'Anomalia entre risco e rendibilidade: Evidência no mercado português', *Revista Estudos do ISCA*, IV(17), 1-22.

Revistas sem *referee*

Silva, M., Castelo Branco, M., Oliveira, J. (2018), 'Breve nota sobre relato de pagamentos a Administrações Públicas', *AECA: Revista de la Asociación Española de Contabilidad y Administración de Empresas*, 123, 61-64.

Livros e capítulos de livros

Cruz, A., Estima, A. e Vieira, E. (2018), *O impacto das Mascotes no Consumo Infantil de Produtos Alimentares: Um Estudo da Região Centro de Portugal*, Novas Edições Académicas.

Dias, A. (2018), *Regime da Transparência Fiscal*, Lisboa: Ordem dos Contabilistas Certificados.

Jorge, S., Travassos, D., Pedro, G. (2018), 'Relato por Segmentos no Sector Público', in A. Martins, I. Cruz, J. Xavier de Basto, M. Augusto (Org.), *Estudos em Memória de Ana Maria Rodrigues* (pp. 393-422). Coimbra: Edições Almedina.

Jorge, S., Gomes, D., Oliveira, L., Costa, G. (2019), 'The Research-Practice Gap in Accounting in the Public

Sector in Portugal', in L. Ferry, I. Saliterer, I. Steccolini, B. Tucker (Eds.), *The Research-Practice Gap on Accounting in the Public Services: An International Analysis* (pp. 81-83), London: Palgrave Macmillan.

Madaleno, M., Vieira, E., Lobão, J., Armada, M.R. (2019), *Princípios de Finanças – Instrumentos Financeiros: Teoria e Prática*, Lisboa: Edições Sílabo.

Moreira, J.A.C. (2019), *Contabilidade. Da Preparação à Interpretação da Informação Financeira*, Lisboa: Edições Sílabo.

Pereira, L. (2018), 'A obrigação de recuperação dos auxílios de Estado de natureza fiscal declarados ilegais na União Europeia', in C. Botelho, F. Veiga (Dir); L. Terrinha, P. Coutinho (Coord.), *Future Law* (e-book) (pp. 96-123). Porto: Universidade Católica do Porto.

Pereira, L. (2018), 'Os Auxílios de Estado de natureza fiscal na proibição geral dos Auxílios de Estado na União Europeia', in A. Martins, I. Cruz, J. X. Basto, M. Augusto (Org.), *Estudos em memória de Ana Maria Rodrigues* (pp. 237-254). Coimbra: Edições Almedina.

Pimentel, L., Jorge, S. (2019), 'Earnings quality and firm valuation: a "new" perspective deriving from the literature', in J. Oliveira, G. Azevedo and A. Ferreira (Eds.), *International Financial Reporting Standards and New Directions in Earnings Management* (pp.1-31), Hershey, PA: IGI Global.

Quesado, P.R., Silva, M.L., Barbosa, F. (2018), 'O Capital Intelectual nas organizações portuguesas: um estudo nas PME's', in J. Fernandes, F. Matias, C. Baptista, A. Melo, E. Alcoforado (Eds.). *Estratégias, Tendências e Desafios de Gestão* (pp. 393-414). Faro: Universidade do Algarve.

Rua, S. (2018), 'A mensuração dos ativos fixos tangíveis ao custo histórico e ao justo valor: o caso dos Municípios da sub-região Minho-Lima', in F. Matias, C. Baptista, R. Guerreiro, Santana Fernandes, P. Cascada (Eds.), *Abordagens Estratégicas em Gestão Financeira e Contabilidade* (pp. 179-200). Faro: Universidade do Algarve.

Saraiva, A., Rodrigues, A.I., Coimbra, C., Fantasia, M., Nunes, R. (2018), *Contabilidade de Gestão: Cálculo de Custos e Valorização de Inventários*. Coimbra: Edições Almedina.

Silva, A., Inácio, H., Vieira, E. (2019), 'The influence of internal audit on external audit: Evidence from Portugal and Spain', in R.P. Marques, C. Santos, H. Inácio (Eds), *Handbook of Organizational Auditing and Assurance in the Digital Age* (pp. 1-25). Hershey, PA: IGI Global.

Silva, A., Inácio, H., Vieira, E. (2019), 'Corporate Governance Characteristics and Audit Fees: Evidence from Portugal and Spain', in R.P. Marques, C. Santos, H. Inácio (Eds), *Handbook of Organizational Auditing and Assurance in the Digital Age* (pp. 26-50). Hershey, PA: IGI Global.

Vieira, E., Neiva, J. (2019), 'Corporate Governance Board of Directors and Firm Performance in Portugal', in W. Megginson, P. Andres, M. Brogi, D. Govorun (Eds). *Handbook of Board of Directors and Company Performance: An International Outlook* (pp. 121-150). Virtus Interpress.

Vieira, E., Madaleno, M. (2019), 'Earnings Management and Corporate Governance in Family Firms: Evidence from a small market', in J.O. Oliveira, G.M. Azevedo, A. Ferreira. *Handbook International Financial Reporting Standards and New Directions in Earnings Management* (pp. 127-153), Hershey, PA: IGI Global.

Recordando o ARC – Accounting Research Centre

Como referido na *grudisletter* 18, o ARC – Accounting Research Centre da EAA tornou desnecessária a rubrica das *grudisletters* "Accounting Events".

O ARC inclui uma lista de eventos extremamente abrangente, com diversas opções de pesquisa, em <https://arc.eaa-online.org/events>. O ARC possui, ainda, outras funcionalidades e conteúdos muito úteis para a investigação - não deixe de o consultar!

Já muitos eventos em Portugal foram incluídos no ARC, dando-lhes uma importante visibilidade internacional. Para incluir no ARC um evento que esteja a organizar, pode contactar a EAA através do formulário disponível no *site*, ou solicitar a minha intermediação - enquanto representante português no Board da EAA, terei muito gosto em colaborar.

João Oliveira

Espaço de opinião sobre investigação



"Corporate Social Accounting – an evolving concept"

Compared to the long historical practice of financial reporting, Corporate Social Accounting (CSA) is still in the earlier stage, but developing rapidly. This essay presents a brief historical overview of the evolution on Corporate Social Accounting concept.

Although it is possible to find other designations in the literature on subject, such as socio-economic accounting, environmental accounting, corporate social accounting, social and responsibility accounting, social accounting, social and environmental reporting, responsibility accounting (or disclosure or report), sustainability accounting, sustainable stakeholder accounting or corporate social responsibility accounting (or reporting, or disclosure), all this terms are used to express the companies' performance in non-financial areas.

The use of multiples concepts and definitions can be, in part, explained by the historical course of the debate on the role of business in society and on the concept of Corporate Social Responsibility.

Gray et al. (2010, p. 5) argue that social accounting is not a precise or definable concept but "complex, diverse, amorphous and constantly changing craft". Already in 1998, Ince (p. 12) noted that the "definition should be flexible, open-ended and should be changed through time".

For example, Mathews (1993, p. 64) expressed the concept as "Social Responsibility Accounting" defined as "voluntary disclosures of information, both qualitative and quantitative made by organizations to inform or influence a range of audiences", while Gray (2002, p. 687) uses the expression "Social Accounting" as a generic term "to cover all forms of accounts which go beyond the economic". In turn, Schaltegger and Burritt (2006, p. 294) use the concept "Sustainability Accounting" as "a broad umbrella term bringing together existing accounting methods dealing with environmental and social issues".

In an integrative perspective, Branco and Delgado (2011, p. 203) claim that such concepts "are considered to address the same basic issues as CSR, in the sense that they all are about companies' impacts on, relationships with, and responsibilities to, society".

Considering that all those concepts or definitions are "related concepts hard to differentiate" (Fifka, 2012, p. 46), with more similarities than differences, CSR is "concerned with control of the entity and its responsibility and accountability to ranges of stakeholders" (Gray et al., 2011, p. 13) and their scope include environmental, social, governance and ethical issues.

In the past few years, stakeholders are increasingly pressing companies to improve their CSR disclosure practices. Contemporary business organizations operate in a society that expects social and environmental commitment and responsibility. In consequence, to be accountable and transparent to their stakeholders, companies should develop the accounting systems to improve their CSR disclosure practices.

As consequence, new trends appear in the CRSD research and practice and emerge the concept of Integrated Report (Frias-Aceituno et al., 2013 or Adams, 2015). This new format reflects the growing practices that include key CRS information in the annual corporate financial report, “thus providing, in a composite, organized and cohesive form, information on the company’s strategy, corporate governance, performance and prospects, in such a way as to reflect the commercial, social, and environmental context in which it operates” (Frias-Aceituno et al., 2013, p. 220).

The integrated report can be seen in practice as the full integration of CSR in the business operations. But more than that, this new approach can be the beginning of a real assumption of full responsibility of business in society. Traditional financial and social accountings are both present in the main corporate report, share the same level of importance and can increase business transparency and accountability.

This may offer new opportunities for integrative approaches in addition to the accounting itself (Sherman et al., 2002) or, on the contrary, can contribute to greater definition and precision of the content of non-financial business report. Anyway, as in the past, regardless of the direction on the reporting evolution, the accounting researchers will continue to make considerable contributions to CSR knowledge.

In this view, CSR can be defined as “the preparation and publication of an account about an organization’s social, environmental, employee, community, customer and other stakeholder interactions and activities, and where possible, the consequence of those interactions and activities” (Gray, 2000, p. 250).

Or as defined by O’Dwyer (2006, p. 220), contemporary corporate social responsibility can be seen as “a mechanism aimed at enhancing corporate accountability and transparency to a wide range of external stakeholders, addressing the social, environmental and ethical concerns and values of individuals upon whom a business has a non-economic impact”.

Tilt (2009, p. 13) claims that “social accounting is a major element of corporate social responsibility, linking it with corporate social responsiveness”. Those responsibilities include economic duties, legal and regulatory compliance, responsiveness to environmental and ethical norms, discretionary social welfare contributions and the most basic of all corporate social responsibilities – corporate accountability.

In this sense, corporate accountability is increasingly viewed as a crucial task for corporate managers, essential to build value and increase a positive image among the stakeholder groups that can contribute to long-term survival of companies. For this, it is now essential for companies the establishment of proper control mechanisms to ensure CSR and their accountability.

Following Pava (2007, p. 451), corporate accountability is a foundation of corporate social responsibility and it is defined as “the continuous, systematic, and public communication of information and reasons designed to justify an organization’s decisions, actions, and outputs to various stakeholders”.

CSR accounting is now an inclusive field of accounting for social and environmental events which arise as a result of, and are intimately tied to, the economic actions of organizations (Bebbington and Thomson, 2005). Companies should be accountable not only to shareholders but also to multiple constituents (Valor, 2005).

In my point of view, the discussion of what social accounting is in fact or about the most appropriate terminology to describe the concept should remain open. Corporate responsibility (or corporate sustainability) is an evolutionary, creative and systemic process, where the market economy internalizes environmental, social and ethics aspects in its decision-making processes. Companies are expected to be able to generate profit while at the same time contributing to social and environmental objectives by integrating social responsibility as a strategic investment at the core of their business strategy, management tools and operations.

After fifty years of development in CSR research, the new trends in CSR disclosure seem to point a new beginning. As noted by Spence (2007, p. 875) “no longer is it a question of whether business should be responsible, it is a question of how responsible business is”.

References

Adams, C. (2015). The International Integrated Reporting Council: a call to action. *Critical Perspectives on Accounting*, 27, 23-28.

Bebbington, J. and Thomson, I. (2005). Social and environmental reporting in the UK: a pedagogic evaluation. *Critical Perspectives on Accounting*, 16(5), 507-533.

Branco, M. and Delgado, C. (2011). Research on corporate social responsibility and disclosure in Portugal. *Social Responsibility Journal*, 7(2), 202-217.

Fifka, M. (2012). The development and state of research on social and environmental reporting in global comparison. *Journal für Betriebswirtschaft*, 62(1), 45-84.

Frias-Aceituno, J., Rodriguez-Ariza, L. and Garcia-Sanchez, I. (2013). The role of the board in the dissemination of integrated corporate social reporting. *Corporate Social Responsibility and Environmental Management*, 20(4), 219-233.

Gray, R. (2002). The social accounting project and accounting, organizations and society: privileging engagement, imaginings, new accountings and pragmatism over critique? *Accounting Organizations and Society*, 27(7), 687-708.

Gray, R. (2000). Current developments and trends in social and environmental auditing, reporting and attestation: a review and comment. *International Journal of Auditing*, 4(3), 247-268.

Gray, R., Dillard, J. and Spence, C. (2011). A Brief Re-Evaluation of “The Social Accounting Project”. In Osborne, P. and Ball, A. (eds.), *Social Accounting and Public Management: Accountability for the Public Good*, pp. 11-22, Routledge Taylor and Francis Group, New York.

Gray, R., Owen, D. and Adams, C. (2010). Some theories for social accounting? A review essay and a tentative pedagogic categorisation of theorisations around social accounting. *Advances in Environmental Management and Accounting*, 4, 1-54.

Ince, D. (1998). Corporate social and environmental reporting: an application of stakeholder theory, unpublished PhD thesis, University of Exeter, Exeter.

Mathews, M. (1993). *Socially Responsible Accounting*, Chapman & Hall, London, UK.

O'Dwyer, B. (2006). Theoretical and Practical Contributions of Social Accounting to Corporate Social Responsibility. In Allouche, J. (Ed.), *Corporate Social Responsibility, Concepts, Accountability and Reporting*, Palgrave Macmillan, New York.

Pava, M. (2007). Corporate Accountability. In Kolb, R. (ed.), *Encyclopedia of Business Ethics and Society*, SAGE Publications.

Schaltegger, S., Burritt, R. (2006). Corporate sustainability accounting: a nightmare or a dream coming true? *Business Strategy and the Environment*, 15, 293–295.

Sherman, W., Steingard, D. and Fitzgibbons, D. (2002). Sustainable stakeholder accounting beyond complementarity and towards integration in environmental accounting. In Sharma, S. and Starik, M. (eds.), *Research in corporate sustainability: the evolving theory and practice of organizations in the natural environment*, pp. 257-294. Edward Elgar Publishing, Cheltenham.

Spence, C. (2007). Social and environmental reporting and hegemonic discourse. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 20(6), 855-882.

Tilt, C. (2009). Corporate responsibility, accounting and accountants. In Idowu, S. and Filho, W. (eds.), *Professionals' Perspectives of Corporate Social Responsibility*, Springer Berlin Heidelberg, pp. 11-32, Springer-Verlag Berlin Heidelberg.

Valor, C. (2005). CSR and Corporate Citizenship: Towards Corporate Accountability, *Business and Society Review*, 110(2), 191-212.

António Dias



“A informação contabilística e os mercados financeiros”

A forma como os mercados financeiros assimilam a informação contabilística é um dos temas mais debatidos na denominada “*market-based accounting research*”. Ball and Brown (1968) marca o início desta linha de investigação e constitui a base de motivação para muitos dos denominados estudos de eventos efetuados ao longo das últimas décadas.

Os estudos de eventos contabilísticos caracterizam-se genericamente por testar a existência de rendibilidades anormais num determinado período em torno da divulgação de um evento contabilístico (*e.g.*, resultados anuais, dividendos, relatórios de auditoria, etc.). A existência de anomalias de mercado não é compatível com a hipótese de eficiência de mercado defendida por Fama (1970). Segundo este postulado, as cotações das ações refletem em qualquer momento toda a informação disponível e não é possível os investidores obterem rendibilidades anormais com base em informação histórica, pública ou privada.

No entanto, um vasto conjunto de artigos científicos sugere que as cotações das empresas não assimilam eficientemente a divulgação de informação contabilística e que essas anomalias podem persistir no médio-longo prazo. Por outro lado, existe evidência de que os investidores são particularmente menos eficientes em assimilar informação desfavorável comparativamente com a assimilação de informação favorável (*e.g.*, Dichev e Piotroski, 2001) e que o comportamento dos pequenos investidores é mais propenso a enviesamentos de análise em comparação com os investidores institucionais (*e.g.*, Kausar *et al.*, 2009). Como se explica a existência das anomalias de mercado?

A área das finanças comportamentais oferece hoje um quadro teórico alternativo à hipótese da eficiência dos mercados financeiros. Em particular, as finanças comportamentais assentam em dois pilares fundamentais. Primeiro, defende que os limites à arbitragem (impossibilidade de eliminação do risco específico de uma empresa, comportamento de agentes não racionais e custos de implementação da estratégia de arbitragem) podem limitar o ajustamento das cotações das ações. Segundo, argumenta que os agentes económicos não são totalmente racionais e que podem não assimilar a informação financeira de forma eficiente devido aos denominados enviesamentos cognitivos. Dentro dos enviesamentos cognitivos mais comuns na área da contabilidade e finanças destacam-se o otimismo, o excesso de confiança, a representatividade, o conservadorismo, o efeito de “manada” ou a aversão ao arrependimento.

Os escândalos financeiros internacionais do início deste século hipotecaram a confiança dos investidores nos mercados financeiros e levantaram importantes questões sobre a qualidade da informação contabilística. Por outro lado, o papel dos gestores, dos auditores ou dos analistas financeiros foi seriamente questionado. É certo que as entidades reguladoras internacionais promoveram alterações importantes no sentido de aumentar a qualidade da informação contabilística e de atenuar os problemas relacionados com a falta de confiança nos mercados financeiros. No entanto, existe ainda um longo caminho a percorrer.

A falta de confiança nos mercados financeiros afeta não só as economias mais desenvolvidas como também as economias menos desenvolvidas. Em Portugal, o acesso aos mercados financeiros está limitado a um grupo muito restrito de empresas e são conhecidos vários casos de tentativas falhadas de acesso a esta fonte de financiamento nos últimos meses (*e.g.*, Sonae MC, Science4you, Vista Alegre). Por outro lado, os eventos recentes de falência de grandes instituições financeiras comprometeram seriamente a credibilidade do mercado de capitais português. O acesso a esta importante fonte de financiamento só será possível se os investidores confiarem na dinâmica dos mercados financeiros e se esses investidores reconhecerem qualidade na informação contabilística (obrigatória ou voluntária) disponibilizada pelas empresas.

Considero que a identificação dos fatores explicativos para uma assimilação ineficiente da informação contabilística por parte dos investidores poderá aumentar a confiança dos investidores nos mercados financeiros. O contributo desta investigação poderá desempenhar um papel relevante para que os reguladores intervenham no sentido de aumentar a qualidade da informação contabilística existente, minimizar a assimetria de informação nos mercados ou de minimizar os efeitos de possíveis enviesamentos de agentes sofisticados e não sofisticados. A investigação na área da contabilidade e finanças pode, assim, contribuir para que os mercados financeiros sejam mais eficientes na assimilação da informação contabilística e, desta forma, aproximar a teoria e a prática.

Referências

Ball, R. and Brown, W. (1968). An empirical evaluation of accounting income numbers, *Journal of Accounting Research*, 6, 159-178.

Dichev, D. and Piotroski, J. (2001). The long-run stock returns following bond ratings changes, *The Journal of Finance*, 56(1), 173-203.

Fama, E. (1970). Efficient capital markets: a review of theory and empirical work, *The Journal of Finance* 25, 383-417.

Kausar, A., Taffler, R. J. and Tan, C. (2009). The going-concern market anomaly, *Journal of Accounting Research*, 47(1), 213-239.

Rúben M. T. Peixinho

Notas sobre Contabilidade



Ao procurar tema para esta crónica tomei consciência da importância do contacto com os alunos como fonte de inspiração. As suas intervenções e comportamentos forneceram-me muitos dos contextos que motivaram as reflexões que, regularmente, partilhei com os leitores.

O facto de há cerca de um ano não entrar numa sala de aula para lecionar, em gozo de uma licença sabática, fez-me perder esse contacto, contribuindo para a minha presente desinspiração. No entanto, nunca antes tive os alunos tão perto de mim como durante o tempo que já dura essa licença. (Parece um paradoxo, eu sei.)

O pedido desta tinha subjacente um projeto de preparação de um manual de Contabilidade Financeira, de nível introdutório, que fosse ao encontro das necessidades de formação na área sentidas pelos alunos acabados de chegar ao ensino superior. (Perceber-se-á, agora, o porquê de eles terem estado sempre comigo.)

Hoje em dia não basta escrever ou dizer verdades científicas ou técnicas para que elas sejam procuradas e absorvidas pelos alunos. (Como o leitor sabe, por experiência.) É necessário que surjam com o seu quê de “lúdico”, apresentadas de modo a que o destinatário se (auto) motive à leitura e não sinta o ónus de ter de as ler. Um desafio para todos os autores. No meu caso, procurei usar um discurso fluido e intuitivo, alternativo ao árido “contabilês” das normas contabilísticas e ao uso mecânico do código das contas, aqui e ali entrecortado com histórias e ilustrações. A preocupação primeira foi minimizar o risco de perder o aluno-leitor para sempre, por via de aversão criada às matérias da Contabilidade. (Que não são, convenhamos, das matérias mais “sexy” com que os alunos têm de se debater.)

Na solidão da escrita, rodeado pelos alunos, passei a ter também a companhia dos meus pares. “E se me escapa uma qualquer imprecisão, daquelas em que qualquer um tropeça, mas que o meu sentido crítico não deteta?” (Julgo que o leitor também já sentiu essa pressão, o receio de errar na sua área de especialização.) Porém, iniciada a concretização do projeto, pressionado pelas expectativas criadas no ambiente humano circundante, não havia volta atrás. Prossegui, nos ombros o peso de todos os medos.

Escrevia por partes, capítulos. Até que chegou o dia de pegar em todo esse trabalho e começar a montar o “puzzle” que era a obra na minha mente. Juntei-os, cada um contribuindo para o crescimento exponencial do número de páginas do texto. Sobreveio um desconforto acentuado. Visualizei mentalmente a intervenção de um aluno, em final de semestre, há alguns anos. Como medida central de melhoria do funcionamento da unidade curricular, ele propôs, com voz segura, que a equipa docente reduzisse o tamanho dos textos de apoio – que preenchiam, no total, pouco mais de cem páginas a espaço duplo. Olhei para a barra do processador de texto, já marcava mais de quatro centenas, a espaço e meio. “Como passar isto aos alunos?” (Sim, os alunos outra vez.)

Que bom seria ter uma rede que me protegesse de eventual tropeção. Mas quem tem disponibilidade para ler e acompanhar centenas de páginas escritas por outrem? Grandes Amigos, como os que conseguiram ler versões preliminares do manuscrito, fazendo importantes sugestões de melhoria. Trouxeram-me algum conforto, na altura em que dele tanto precisava.

Faltava o veredicto do editor, o sim ou não à publicação. O email seguiu, levando anexo o manuscrito do texto com pedido de apreciação. Ficou o receio da rejeição do trabalho proposto. Seguiram-se dias de espera, vazios de notícias. Até que o telefone tocou. Trazia uma apreciação positiva do trabalho, a porta aberta à publicação. Alívio, por um lado; um pouco mais de pressão, por outro, o medo de desiludir mais este interveniente no processo.

Chegou a primeira versão paginada do texto, para revisão. As pouco mais de quatro centenas de páginas do manuscrito que eu havia enviado tinham retornado transformadas em cerca de seis centenas e meia. Não havia erro, era esse o número. A mente encontrou logo truque para moderar o acréscimo de pressão. “É sempre melhor defrontar dez páginas de texto corrido e de fácil leitura, do que duas de secos ‘bullets’ que é necessário ler muitas vezes para delas tirar algum sentido.” (Querida mente, sempre pronta a ajudar.)

Semanas e semanas de revisão de provas, mais semanas para a impressão. Ontem chegou um pacote pelo correio, com a dimensão quadrangular de um livro e cerca de dez centímetros de espessura. “Ena pá! Isto deu um livro que parece uma bíblia!” Mas desta vez os receios eram parcialmente infundados. Dentro do pacote vinham dois livros. (Um alívio, confesso.)

O cheiro a papel novo libertou-se à abertura. Tomei um nas mãos, com cuidado, como se fora um recém-nascido. O primeiro toque, a medo, o lento passar do dedo pelos rebordos bem aparados, um pequeno compasso de espera, o gozo do momento. Folhee a capa. Na primeira página uma dedicatória à memória de três amigos e colegas que o ano de 2018 me levou: a Ana Maria Rodrigues, o Manuel da Costa Pinho e o João Carvalho. Fiquei parado, olhar fixo nas cinco linhas de texto perdidas na imensidão branca da folha. Foram pessoas que me marcaram profundamente, que me deixaram memórias, recordações que guardo com desvelo. Vivem, para mim.

Fechei o livro. Não conseguiria ler mais. Alunos, pares e editor continuam a rodear-me. Sorrio. Já estou mais habituado à companhia.

José António Moreira